

[...]

PLUFT: (Pé ante pé, chega por detrás da cadeira da mãe e grita) Uuuuh! (A mãe leva um grande susto e deixa cair as agulhas e o tricô) Eu sabia! Eu sabia que você também tinha medo de gente. Peguei! Peguei! Peguei mamãe com medo de gente...peguei mãe com medo de gente!...

MÃE: (Procurando de gatinhas os óculos e o tricô) Pluft, você quer apanhar? Como é que eu posso acabar o meu tricô para os fantasminhas pobres, se você não me deixa trabalhar? (A mãe volta à cadeira bufando e Pluft volta à janela pensativo.)

PLUFT: Eu não iria nem a pau.

MÃE: Onde, Pluft?

PLUFT: Trabalhar no mar. Tenho medo de gente e de mar também. É muito grande e azul demais.. (De repente Pluft se assusta) Oh! (Corre até a mãe sem voz e torna à janela) Mamãe, olha lá. Iiii...Estão vindo (Corre e senta-se no colo da mãe) Mamãe, mamãe, acode!! Eles estão vindo...vindo do mar...e subindo a praia.

MÃE: (Desvencilhando-se de Pluft, que continua agarrado à sua saia, dirige-se até a janela) Não é possível. Desde que nos mudamos para cá ninguém subiu aqui! (pausa) É verdade. Lá vêm eles. (Dirige-se rapidamente para um canto, de onde tira um telefone) Zero-zero-zero-zero, alô, prima Bolha? (Toda a vez que a Sra. Fantasma fala ao telefone ouvem-se em resposta barulhos de bolhas d'água, o que é conseguido soprando palavras por um tubo de borracha dentro d'água) Sou eu. Olha, uma surpresa hoje, aqui. Adivinha só. Gente! Ainda não sei. Sim...sim...Telefono, querida. Adeus, meu bem, eles estão se aproximando. Vem, Pluft.

PLUFT: (Tremendo) Que medo... que medo... que medo...

MÃE: (Abrindo o baú) Acorda, Gerúndio. Vem gente!

GERÚNDIO: (Levantando-se, espreguiçando) Uuuuuu! Tô com um sono!...

PLUFT: De verdade, tio Gerúndio. Gente mesmo. O mundo todo vem aí!

GERÚNDIO: (Sonolento) Tô com sono!... (Fecha a tampa do baú e desaparece, roncando.) (Pluft e a mãe põem-se a escutar. Ouve-se o barulho de passadas pesadas. Os dois desaparecem. Ouve-se o canto do marinheiro Perna de Pau.).

A menina Maribel, bel, bel! Tem os olhos da cor do céu, céu... céu...

E os cabelos cor de mel... mel... mel...

(Pela porta do sótão entra um marinheiro meio velho e forte, empurrando uma menina frágil amarrada pelas mãos com um lenço vermelho passado na boca. O velho marinheiro amarra a menina à cadeira, e tira o mapa da sacola que leva nas costas.)

PERNA DE PAU: É aqui mesmo. Foi aqui que o Capitão Bonança escondeu o tesouro. (Corre até a janela) Aqueles três patetas nunca descobrirão esta casa. Então eles queriam ser mais espertinhos do que o marinheiro Perna de Pau, hem? Queriam salvar a netinha do Capitão, hem? Mas o Capitão Bonança Arco-Íris morreu e quem vai entrar no tesouro sou eu! Está ouvindo? Sou eu. Então o vovô Bonança pensou que podia deixar o mapa do tesouro com a netinha e com os três patetas, hem? Ah! Ah! Ah! Então o capitão vovô não sabia que o marinheiro Perna de Pau estava à espreita? Há dez anos que eu espero. Estou cansado, também, ora...Sabem lá i que é esperar 10 anos pelo tesouro do navio fantasma? (Começa a procurar) Aqui está o chapéu do Capitão Bonança! (Põe o chapéu e faz continência, depois, aos brados, imitando capitão de navio) Levantar velas! Carrega punhos aos papafigas! Afrouxar a bujarrona! Entra a bombordo, agüenta a guinada! Ah! ah! ah! Agora o capitão sou eu...(Escurece de repente) Que é isto? (Vai à janela) Ainda é cedo, sol dorminhoco! Que escuro! Oh! Eu me esqueci de trazer a lanterna. Temos que achar o tesouro. (Procurando na sacola) Quem tem uma lanterna? (Para a menina) Você tem? (Ela faz que não) (Mal humorado) Então preciso ir até a cidade buscar uma lanterna. Você vai ficar aí presinha na cadeira. Mas não precisa fazer essa cara de vítima, que o Capitão Perna de Pau é bonzinho... Ele não vai te matar não...ele vai... ele vai casar com você...Vamos comprar outro navio e vamos navegar... navegar...navegar... (Faz a mímica de um barqueiro remando)

[...]